

# DIAS, Rosa Maria. Nietzsche, vida como obra de arte.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011.

GUSTAVO BEZERRA DO NASCIMENTO COSTA - Doutorando em Filosofia pela UERJ.  
(FUNCAP)

Amizade, doçura e meiguice são os primeiros adjetivos que vêm à mente quando pensamos em Rosa Dias. Sinal de que argúcia e profundidade intelectual não precisam trazer consigo a arrogância e a feição carrancuda que, em geral, costumamos associar à academia. *Nietzsche, vida como obra de arte*, seu mais recente livro, encanta precisamente por mostrar que a profundidade de uma argumentação filosófica lúcida pode, sim, ser expressa em belas e cativantes palavras.

Composta de duas partes – “Vida como vontade criadora” e “A vida em grande estilo” – Rosa condensa aqui o somatório de pesquisas realizadas em vários anos e esboçadas em diversos artigos, acerca da tarefa ético-estética nietzscheana de “tornar-se o que se é”, reapropriação da máxima de Píndaro. Embora sem a mesma destreza, procuraremos aqui, em poucas linhas, apontar para alguns aspectos importantes contidos nessa bela obra que, ademais, manifesta a pertinência com que a autora domina e interpreta a temática nietzscheana da *criação de si*.

O livro é tecido em torno de dois fios condutores complementares. O primeiro diz respeito à noção nietzscheana de *vontade criadora*, que Rosa Dias opõe à noção darwinista-lamarckista de *sobrevivência*, amparada na crença metafísica de uma vontade consciente, de um *eu substancial* como

“princípio de ação” por detrás de cada ato (p.42)<sup>1</sup>. Enquanto esta privilegiaria o aspecto de conservação da vida, a proposta nietzscheana teria como pano de fundo a sua intensificação (*idem*). No cerne desta contraposição está uma reavaliação, a partir de *Assim falou Zaratustra*, do conceito de vida, agora associada à noção de vontade de potência [*Wille zur Macht*] – *pathos* de uma configuração instável de impulsos aos quais não temos acesso consciente e que, ao contrário, fazem desta “consciência” [*Bewußtsein*] seu mero instrumento.

Nietzsche, segundo Rosa Dias, apodera-se e redimensiona os termos *criação* e *arte* para designar um tipo de fazer que não se esgota em um ou inúmeros atos e que “produzem continuamente a vida” (p.69). A doutrina da vontade criadora, nesse sentido, privilegia a atividade e tende a um aumento de potência, ou seja, a expandir-se, o que implicaria o criar e o destruir, exigindo, portanto, *excesso* – inclusive, diríamos, para além dos princípios de rendimento econômico. É, em outras palavras, afirmar-se a partir da condição necessária do devir.

Sob tal ótica, nossos pensamentos e apreciações de valor são apenas expressões, sintomas de impulsos. Por isso mesmo, é essencial tomar como ponto de partida e fio condutor o *corpo* – enquanto fenômeno mais rico que autoriza observações mais claras. Isto, é claro, requereria já uma crença ou interpretação acerca do que seja o corpo. Seria, porém, uma crença “mais estabelecida do que a crença no espírito” (p.50). A palavra “arte”, nesse sentido, teria agora, para Nietzsche, um sentido bem mais abrangente e diria respeito a “toda forma de transfiguração e de potência criadora” (p.57). O mesmo valeria para a noção de *interpretação*, pressuposta agora em todo o processo orgânico da vida como vontade de potência. “Interpretar e organizar o mundo não quer dizer conhecê-lo, mas criá-lo” (p.58-9). Criação, interpretação e arte, nesse sentido, extrapolariam os limites da esfera consciente.

Estamos aqui, ainda, no âmbito dos instintos e acasos. Participar, tomar as rédeas de uma configuração afirmativa e criadora da vida, nesse primeiro momento da exposição pelo menos, foge-nos ao controle. Porém, se o texto original, “verdadeiro”, nos é inacessível, ou melhor, inexistente, abre-se espaço para inúmeras interpretações, muito embora sem a prevalência definitiva de uma sobre as outras. Toda interpretação, nesse sentido, equivaleria a uma nova apropriação e recriação. E com isso chegamos à segunda parte do livro, “A vida em grande estilo”.

O segundo fio-condutor, indicado já no prefácio ao livro, está diretamente relacionado à possibilidade de se compreender a criação de si não apenas na esfera, arriscamos, ontológico-estética – ou seja, como vontade criadora – mas também ético-estética, como arte da criação de si. Tal proposta, como argutamente aponta Rosa Dias, pressupõe um importante deslocamento na concepção nietzscheana de arte, entre os períodos de *O Nascimento da tragédia* – “Só como fenômeno estético a existência e o mundo aparecem como eternamente justificados”<sup>2</sup> (GT/NT§6) – e *A Gaia ciência* – “Como fenômeno estético, a existência é sempre, para nós, suportável ainda” (FW/GC§107). Embora aparentemente próximas, ambas as frases guardam importantes e fundamentais distinções. Enquanto a primeira reflexão “aparece no contexto de reflexão sobre a obra de arte”, ainda associada

1 Esta e as demais citações sem a indicação de autor e data referem-se à obra objeto desta resenha.

2 Essa e as demais citações de Nietzsche acompanham a tradução da autora. As referências à obra de Nietzsche seguem a lista de abreviaturas indicadas nesta revista.

a uma metafísica de artista, a segunda “diz respeito a outro tipo de arte: da vida como obra de arte” (p.19-20).

Tal deslocamento do centro de gravidade do pensamento nietzscheano sobre arte ocorre, segundo Rosa Dias, a partir do segundo volume de *Humano, demasiado humano* – particularmente no aforismo 174 de *Opiniões e sentenças diversas* intitulado: “Contra a arte das obras de arte” – em que surge outro ponto de vista sob o qual a arte é revalorizada: “a arte deve, sobretudo e principalmente, embelezar a vida, ou seja, tornar a nós mesmos suportáveis e, se possível, agradáveis para os outros...”. Esta passagem marcaria a transição, em Nietzsche, da crítica à arte que leva o homem a “evadir-se de si mesmo” para a compreensão da “arte de criar a si mesmo como obra de arte” (p.109). A intenção do filósofo, contida em uma carta de 1882 (época de *A Gaia ciência*) dirigida a Heinrich von Stein, é a de livrar a existência humana de nossa vulnerabilidade ao sofrimento “o qual não se encontra nenhum propósito redentor nem justificação, [...] que nos dispõe a ver a vida como náusea” (p.112). A saída, ou enfrentamento, terá novamente a arte como instrumento: “Por meio da arte nos são dados olhos e mãos, e, sobretudo boa-consciência, para *poder fazer* de nós mesmos um tal fenômeno [estético]” (FW/GC §107). Nessa tarefa, segundo Rosa, “as técnicas do artista, e principalmente as do poeta e do romancista, podem ser de grande valia, já que elas mostram como é possível escrever para nós um novo papel, um novo personagem com outro caráter” (p.113). A máxima que Nietzsche toma como epígrafe: “tornar-se o que se é”, tomada de empréstimo à segunda das *Odes Pítrias* de Píndaro, porém alterada em seu sentido original<sup>3</sup>, ressaltaria a dimensão prática que Nietzsche confere à criação de si. É precisamente “por acreditar na possibilidade de o ser humano ‘tornar-se o que se é’, [que] Nietzsche se põe contra a ideia da imutabilidade do caráter” (p.118). Aparente paradoxo que evanesce na medida em que não há um “é” fixo, imutável, a ser atingido, mas sim, o objeto de uma contínua criação.

Como bem salienta a autora, “a decisão de se modificar não é da ordem da consciência” (p.115). Esta, como vimos, “é apenas um instrumento a serviço de nossos impulsos, um simples meio suplementar, tendo em vista o desdobramento e o crescimento da vida” (*idem*). No entanto, na busca das condições favoráveis ao desenvolvimento harmonioso, o intelecto tem um papel que não pode ser desconsiderado:

Ele pode contribuir para canalizar a força dos impulsos. A ação de um impulso sobre o outro pode ser reforçada por essa faculdade própria ao homem de buscar inteligentemente os meios apropriados e eficazes de chegar aos fins que ele sente necessário atingir. O intelecto é um instrumento de nossos impulsos. Ele não se torna jamais livre. Aperfeiçoa-se na luta dos diversos impulsos e, com isso, melhora a atividade de cada impulso em particular (p.115-6).

Podemos, portanto, “fazer em nós, dentro de determinadas condições fisiológicas, um ser humano novo; em seguida, outro mais novo, e precisamente através das mudanças sucessivas é que ele se torna o que é” (p.119). É necessário, no entanto, “começar pelos detalhes e, também, habituar-

3 Segundo Rosa Dias, Nietzsche suprime o termo *mathon*, “que no contexto de Píndaro faz alusão ao aprendizado”: “Tendo aprendido o que você é, torne-se como você é” [*genói hoios essi mathon*] (p.99). Nietzsche, nesse sentido, estaria mais preocupado com a dimensão prática da expressão, do que com sua dimensão educativa.

se a dominar a si mesmo, de modo que não se torne, sem saber, escravo das paixões. Para chegar a ser senhor de si mesmo, é preciso superar [ou ainda, dominar] o fundo primitivo da bestialidade” (p.123).

Nesse sentido, segundo Rosa Dias, “se Nietzsche trouxe à luz o papel essencial que têm as forças pulsionais que decidem e agem no inconsciente, se mostrou com fineza como os impulsos utilizam o consciente para chegar a seus fins, não deixou de enfatizar o perigo que é deixar os impulsos numa atitude de *laissez-aller*” (p.124). Como bem salienta a autora, ao propor a educação dos impulsos, Nietzsche não pretende com isso que tais impulsos sejam extirpados. Ao contrário, tal *adestramento* dos impulsos, “dobrá-los temporariamente sob o jugo de uma severa disciplina”, objetiva favorecê-los, ou ainda, “embelezá-los e divinizá-los” (p.126); pelo que preconiza até um *ascetismo* tal qual os antigos o concebiam, como técnica de subjetivação e instrumento da formação de si (*idem*). A ascese, nesse sentido, “deixa de ser uma técnica de recuo para a interioridade, uma negação do mundo, para se tornar um meio para potencializar a existência” (p.126-7).

Tal adestramento, portanto, deve incidir primeira e prioritariamente sobre o corpo. Rosa compartilha aqui do pensamento de Alexander Nehamas<sup>4</sup>: “É a unidade do corpo que proporciona a identidade do eu”: “Por estar organizado coerentemente, o corpo é ponto comum que permite o reagrupamento de pensamentos, desejos e ações contraditórias como características de um único sujeito” (p.129). Traços dominantes, sempre que estão dominantes, assumem o papel de sujeito. E são tais traços, como vimos acima, que “falam com a voz do eu interno quando se manifestam em ação”. Porém, tal liderança não é estável: “Traços de caráter diferentes e mesmo incompatíveis coexistem em um mesmo corpo, de maneira que diferentes esquemas assumem o papel de líder em diferentes momentos”. Por isso mesmo, “temos uma identidade que difere segundo o momento” e a unidade do eu, que constitui essa identidade, não é algo dado – o eu não é a mesma coisa o tempo todo – e sim algo que se realiza. O processo de criação de si, nesse sentido, “consiste em incorporar cada vez mais traços de personalidade, sob uma rubrica em constante expansão e desenvolvimento” (p.129), não existindo um momento “em que possamos chegar à conclusão de que o nosso caráter está feito e que não teremos mais que mudá-lo em nada [...]. Por ser objeto de constante reinterpretação, nenhum dos elementos que constituem o plano artístico para dar forma ao caráter pode permanecer constante” (p.136).

Por essa mesma razão não há uma regra geral, válida universalmente, para a criação de si como singularidade, restando apenas a possibilidade ética do *exemplo*: “quem cria o próprio estilo mostra-o para todos. E então podemos considerá-la como tendo uma dimensão para o mundo”. E na medida em que o homem é parte do mundo, “o criador não diferencia o criar a si mesmo, criar os demais e criar o mundo como obra de arte” (p.140-1).

---

4 NEHAMAS, Alexander. *Nietzsche – Life as literature*. Harvard: Harvard University Press, 1985. p.170.